

VILÉM FLUSSER

Via Hasler 4, Maia Alta, Merano, (Prov. Bolzano), Italia. Tel: 26103

Merano, 22/2/74

Querida Dora, sua carta pacífica e poesia guerreira de 18/12 esperava na escrivadinha por nossa volta de Nova Iorque, coisa que me surpreende: 5 folhas brancas soltas mais sólidas e estáveis que os 140 quilos que a Edith e eu pesamos juntos. Enquanto as folhas repousavam na mesa, nós fomos soprados pelo vento da aventura, (e da nossa vontade), por sobre os Alpes cobertos de neve até Zurique, por sobre o Jura até Paris, por sobre a Islândia, o oceano Arctico e Labrador até New York, por sobre os Adirendocks até Buffalo e Niagara, por entre um blizzard novaiorquino de volta a Paris, através a Vendée, Anjou, Touraine, Bourbonnais, Bourgogne Bresse, Haute Savoie, Lombardia, Venezia Tridentina até o Alto Adige e o nosso terraço. E a paisagem cultural e humana que atravessamos é ainda muito mais acidentada e variada que a geográfica. Por exemplo: a visão pullockiana do mar gelado e das geleiras da Groenlândia, embora visão inesquecível, (porque prova que paisagem desumana é "abstrata" do nosso ponto de vista, para o qual "abstrair = tirar o homem"), é no entanto visão menos "majestosa" que a do Lincoln Center ou de Chartres. E isto responde, como que espontâneamente, dois dos pontos levantados em tua carta: o problema do homem enquanto aparelho, e o do "palco". (a) "Aparelho": o nosso modelo do homem, (a nossa "auto-compreensão"), é determinado pelos nossos próprios instrumentos. Somos "imagens de Deus" para os escultores clássicos, "instrumentos divinos" para os artesões medievais, "autômatos" para os barrocos, "fábricas" para os fundadores de impérios, "feras" para os vitorianos, "formigas" para os revolucionários, e "aparelhos" para os tecnocratas. E perdemos a ingenuidade de podermos perguntar: que somos "na realidade" ou "no fundo"? porque sabemos que não há realidade sem modelo, e que o fundo é um modelo. Se pois os nossos tecnocratas nos "explicam" como aparelhos cibernéticos que t'em a guerra no programa, (mas podem ser programados diferentemente), não urge argumentar contra eles, mas propôr outro modelo, (outra antropologia). (b) "Palco": Muito me tem preocupado este problema. Brecht procura rompê-lo. E o estruturalismo é anti-humanístico, porque não vê o mundo enquanto palco do drama humano. (Consequências: happenings, living theatre, action painting). Fase de tudo isto: (1) Préhistória mágica, (empedocleana): (O mundo-cena). (2) História, (da Gênesis até Marx): (O mundo-"atoêde-drama"). (3) Pós-história, (husserliana): (O mundo-acaso). Germe de tudo isto: Newton: "God is a mathematician, but not a very good one". Mas: se mundo não é teatro, e se não sou nem dançarino nem ator, (se não posso nem pular no Etna nem projetar eventos), sou máscara vazia, e o mundo é labirinto de espelhos. Este é o problema da televisão, sabe? Problema empedocleano. Da

VILÉM FLUSSER

seguinte forma: se Etna é montanha ou é "live shot"? E, se o salto de Empédocles fôr televisionado como o foi a luta Frazier-Muhamad Ali, aonde está a cena: no topos uranikós, na Sicília, no CBS ou na sala de visita do burgues e Kopenhagen? E o sacrifício é feito para glorificar o deus, ou o happening, ou Coca-Cola, ou Nixon, ou a própria TV, ou Etna? Mais duas coisas a respeito de Empédocles: (a) A pergunta de Russel: viajo de trem pela Itália, vejo vulcão pela janela e digo "isto é Vesúvio ou Etna". Que digo? Que a montanha que vejo se chama "Vesúvio ou Etna"? Ou que não sei ~~quax~~ como se chama tal montanha? Ou que vejo duas montanhas? Etc. etc. Aonde Empédocles, "the ardent soul, who lept into Aetna and was roasted whole" pulou, afinal das contas? (b) Não me lembro mais aonde fica o sasso di Empédocle, se em Taormina, em Siracusa ou Agrigento. Confundo, aliás Empédocle com Dionísio, (atrás do hotel em Siracusa, sabe?). Pois se confundo a pedra com a orelha, o hotel com o templo, Siracusa com Taormina, a primavera siciliana com Granada, estou acaso sendo tomado da loucura empedocleana, ou apenas da loucura do turismo, ou serão a mesma coisa, (já que "turismo" e "theoria" são a mesma coisa, a saber "sight seeing")? Cara Dora: confesso que não conheço Empédocles de Hoelderlin, mas cada qual tem o Empédocles que merece. (O Dionísio de Nietzsche é tipicamente nativo de Sils Maria antes da indústria hoteleira de St. Moritz e tal Dionísio vitoriano dá agora saltos inteiramente diferentes nos "campus" do Middle West dos que está dando nas mentes do críticos literários na Sorbonne III). Tese: Há Dionísio para Empédocles, outro para Nietzsche, (e Hoelderlin), e outro para um hippie. Apenas Dionísio, Empédocles, Nietzsche e Hoelderlin passaram a ser deuses, e o hippie o será sómente daqui há cem anos. Antítese: Goetterdaemmerung, Goetzendaemmerung, Gott ist tot. Síntese: o problema é de "tradução", e você está se encarregando disto. E, Dora, isto é importante, e concordo que você sinta a tua "aragem".

Sabe, Dora, tua carta me parece "centrada" e irradia paz, (a despeito da tua pesia guerreira. A propósito: além dos "uccellini", não existem acaso também "ucceloti" que você esqueceu e que é preciso matar de vez em quando, por exemplo condores?). E, já que estamos sendo arcáicos, que dizer do "O passer deliciae meae puellae"? Como você vê: ao contrário da tua, minha mente é turbulenta. Não digo que é Etna, é mais turbina. Escrevi para Lepargneur, convidando-o para Merano. Quem sabe ele transmitirá algo da tua aragem? Ou só trará a turbulência dele? Isias diz que Ele não está nem no furacão nem no terremoto mas na aragem. Mas Jeremias diz ser Ele o fogo do refinador e o ferro do ferreiro. As notícias a respeito d'Ele não coincidem. Uma das fontes da minha confusão, suponho. Quem sabe você tem acesso a fontes diferentes das minhas? Poderíamos confundir um o outro! Empédocleanamente e de várias outras maneiras. Se você pudesse vir para fazê-lo.

Abraços e saudades.